



TOMO VI Nº 1

Blumenau

em

ca

der

nos

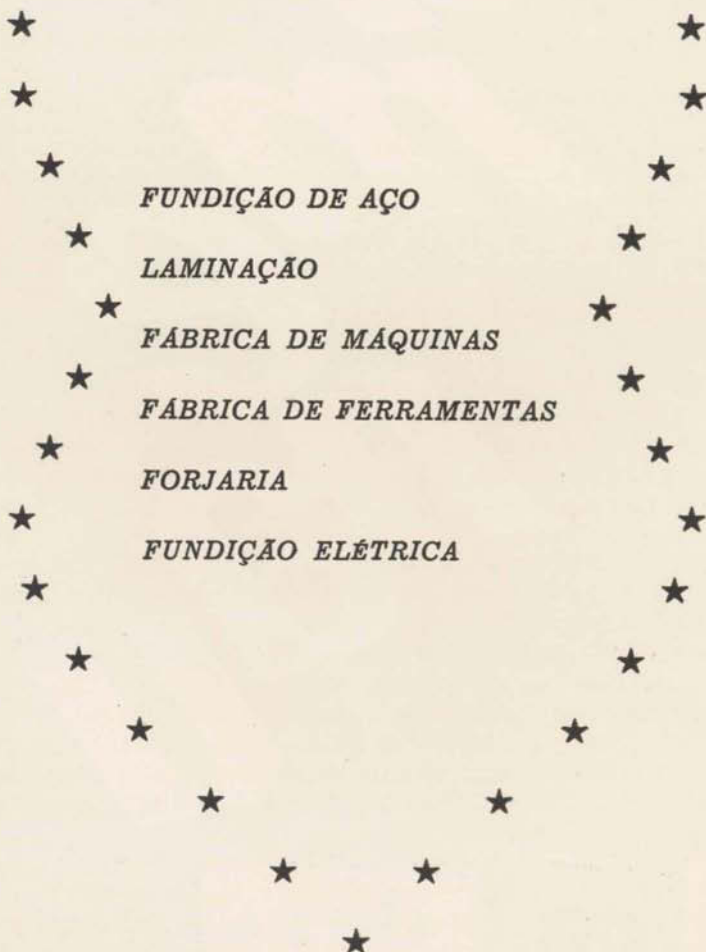
ELETRO-AÇO ALTONA S/A.

Rua Coronel Vidal Ramos, 925 — Fone: 1338

Caixa Postal, 30 Telegramas: ELAÇO

ITOUPAVA-SÊCA — BLUMENAU

SANTA CATARINA



BLUMENAU

em CADERNOS

TOMO VI

N.º 1

ATRAVÉS DA TERRA CATARINENSE

VIRGÍLIO VÁRZEA

O presente artigo do notável vulto das letras catarinenses, foi inserto, em 1919, nas colunas do "Correio Paulistano", da capital bandeirante. Em 1960, foi reproduzido pelo "O Popular", de Itajaí em suas edições de 12, 19 e 26 de agosto. Tratando-se de uma narrativa praticamente desconhecida da atual geração de blumenauenses, e que trata de um episódio ligado à nossa história, é com prazer que trazemo-la para as páginas desta revista. Prestamos, assim, também, uma colaboração, embora modesta, às comemorações que estão se realizando no Estado pela passagem do centenário de nascimento do celebrado marinheiro catarinense.

Vive-se de lembranças e recordações, sejam elas alegres, tristes, funerárias. Mas vive-se. Tôda a humanidade, desde o homem mais culto e mundano ao mineiro e camponês mais simples e rude, vive dessas noções, cenas, quadros, filmes, que se vão acumulando em séries várias e infundas, na sua alma e no seu cérebro, pelo desenrolar sensitivo e emotivo da sua existência.

Sobretudo os artistas das letras, do pincel e do buril, máximamente os primeiros, vivem os dias, meses e anos, desde a puerícia à mais extrema longividade, inteira, profunda e imutavelmente assim.

John Stuart Mill, o grande filósofo inglês, disse que "a vida é uma série de preocupações, assentes sobre as impressões do passado, lembradas nítida e ininterruptamente a todo instante e sempre"; Joseph Méry, o delicado idealista, impressionista e verboso escritor da mais bela e fecunda fase do Romantismo, o encantador e súbtil psicólogo das "Scènes de la vie italienne", "Heva" e "La Floride" disse que "a vida é uma longa saudade da véspera".

Quanta verdade e experiência luminosa nessas frases ou pensamentos de grande profundidade, fina psicologia e tessitura feliz!

Eu vinha desde Blumenau com o espírito a tumultuar de recordações íntimas, gratas e suaves da minha meninice venturosa, passada,

durante três anos, sôbre as águas e entre as paisagens do Itajaí, na parte do seu curso que vai da fôz àquela cidade, mas especialmente no pitoresco trecho de Blumenau a Gaspar, onde mais vivi e me expandi, por êsse tempo, em folganças e arteirices sem fim, volvendo ainda ali a minha adolescência e começos da mocidade, e por ali passando penúltimamente - fazia dez anos - acompanhado de Diniz Júnior, camarada querido e excelente colega de há um lustro para cá, na inspeção de ensino do Distrito Federal.

De sorte que, nesta nova excursão, ao deixar, ao apartar-me - talvez para sempre, quem sabe! - das sugestivas e amadas ribas do Itajaí, exploradas e devassadas inicialmente pela "bandeira" do Vicentista José Pires Monteiro, 1) que fôra, em 1653, atrás das antigas jazidas de ouro do morro do Taió às cabeceiras dêsse rio — eu recordava ou evocava ainda, emocionalmente, a cada instante, outras cenas indeléveis dessas estâncias de tôda a minha vida.

E dentre tais cenas, esta destacava vivamente:

Era num dia remoto do ano de 1875, a bordo do "São Lourenço" ao ancoradouro do Gaspar.

Chovera torrencialmente tôda a semana até a antevéspera. O rio ia ameaçadora e medonhamente correntoso e avolumara extraordinariamente as suas águas, subindo do nível cêrca de dez metros.

Tôda a sua superfície comumente escura, mas de uma transparência cristalina aos baixíos e coroas, apresentava-se toldada, turva, barrenta, de uma côr de ocre sujo. A graciosa ilha da Figueira Grande desaparecera sob a entumescida e sinuosa faixa fluvial, deixando, apenas, de fora o imenso simbório rendilhado de sua velha árvore, que eu vira dantes - basílica soberba de verdura! - elevando triunfalmente, festivamente, ao Azul os cânticos e hinos arrebatadores dos passarinhos felizes, mas ainda assim náufraga semi-môrta, sem assistência e socorro possíveis, mas ainda assim amada e beijada marulhosamente pelas espumantes e roladoras ondinhas do rio. As barrancas de um e outro lado pareciam sumidas, enterradas, afogadas na longa toalha líquida, como um vasto e perfeito curso de planície.

A água, felizmente, parara de subir a noite anterior, tranquilizando assim as pobres populações ribeirinhas, já em sobressalto e angústia no terror de uma daquelas inundações que de longe em longe, flagelam e devastam aniquiladoramene vidas e plantações, em todo êsse rico e fecundo vale do Itajaí.

Aproveitando uma tal circunstância, que só sucedia de anos a anos, rariísimamente, Luis Altenburg e outros negociantes, de combinação com o comandante, resolveram subir, ao alvorecer daquele dia, até Blumenau, onde jamais fôra e se vira navio de tamanho porte e lotação.

Por isso, expedira-se muito cêdo, para aquela cidade, um emissário a comunicar a boa nova.

E às 6 horas da manhã êle e seus companheiros chegavam a bordo, onde já tudo e todos estavam preparados e a postos, com barco pronto a suspender.

Como se sabe, o único impasse ou obstáculo à navegação de grandes navios até Blumenau - essa pequenina Colônia ou Strassburgo catari-

nense - é o estreito e raso canal de Belchior, acessível apenas a iates, lanchões, lanchas e canoas. Mas agora, com aquela cheia excepcional do rio, podia bem passar ali um transatlântico ou um grande couraçado. Pelo que o comandante, João Esteves Várzea, 2) não vacilara em prolongar o seu itinerário para fazer aquela recreativa e curiosa viagem. E também porque a barra do Iajá, embravecida e revoltada pela les-tada dominante e as grossas águas do monte, não dava saída, nem en-trada, nesse dia, a nenhuma embarcação.

O "S. Lourenço" arrancou rio acima, com as suas oito milhas ho-rárias, às 6 horas e um quarto. Ia todo embandeirado em arco, porque a excursão era de júbilo e se estava a 24 de dezembro, véspera de Natal, a grande festa da cristandade.

Quase todos os excursionistas tinham-se feito acompanhar das res-pectivas famílias, de uma pequena charanga e de uma boa provisão de foguetes do ar. Assim pela câmara, convés e tolda do paquete havia uma verdadeira festa vivamente animada pela algazarra alegre dos homens, mulheres e crianças, pelas variadas e contínuas execuções mu-sicais e pelo espoucar espaçado e ruidoso dos foguetes manchando de flocos de fumo o céu azul imaculado de onde o sol, surgindo a leste, en-volvia águas e campos num polvilhamento de ouro.

De vez em quando súbitamente, a "sereia" de bordo rompia em pro-longados e agudíssimos silvos, a cada volta do rio, e o gado, que a um lado e outro pastava serenamente, colhido de chofre por semelhante es-tridência e pelo "schlöp-schlöp" das rodas do "S. Lourenço", deitava a fugir loucamente, em debandada de pânico, para as matas interiores.

Ambas as margens e à frente das habitações rurais que as povoam de espaço a espaço, os habitantes se aglomeravam, em atitudes de sur-prêsa e pasmo, ante o singrar do vapor. Os de bordo acenavam-lhes então alegremente da tolda, adeuses e saudações, e êles correspondiam de mãos ao ar, abanando.

No Belchior, onde a maior parte da população, já sabedora da via-gem, acudira alvoraçada e curiosa à aventura do rio e ao pequeno em-barcadouro, houve como um festivo e entusiástico desafio e despique de cumprimentos e foguetes, partindo de um lado e de outro.

E o "S. Lourenço" passou rápido e intrêpidamente êsse ponto pe-rigoso, onde o rio ocultava então sob a sua enorme cheia, os baixios arenosos e os escuros cachopos, bem assim o lindo ilhéu das palmeiras - tristes náufragos fluviais! - cujas frondes mal se viam esfrolando à correnteza.

Duas horas depois Blumenau surgia à proa, tôda embandeirada e garrida como o próprio "S. Lourenço", e tendo a ampla e longa aléa do pôrto literalmente coalhada de povo. O vapor desmanchava-se em foguetes, a charanga tocava efusivamente e a gente do Gaspar como a maruja entusiástica do paquete expandia-se numa gritaria a êsses "vi-vas" e "hurrahs", enquanto pelas antenas e cordoalhas de suas embar-cações as bandeiras e galhardetes multicolôres palpitavam vitoriosa-mente no ar, à aragem fresca e aromal do rio.

Em terra, por sua vez, os foguetes subiam ao céu seguidamente, profusamente, em estouros de alegria e triunfo, e bandas alemãs es-

trugiam sonoramente nos seus repertórios classicos, em que tinham primazia os trechos de Wagner e Kulach, explodindo em sinfonias flamantes, guerreiras, atroadoras.

Daí a instantes, o vapor atracava ao cais e o presidente da municipalidade com seus vereadores, seguido das autoridades e dos notáveis da cidade, assim de familias e pessoas do povo, invadiam o navio por bombordo e subiam ao passadiço e à tolda a cumprimentar e abraçar o comandante como a Luis Altenburg, por aquêlê acontecimento que tanto honrava Blumenau.

Já a êsse tempo a Sociedade dos Atiradores composta talvez de dois mil homens estendia em linha pela aléa do cais e dava várias descargas de saudação ao "S.Lourenço", ao som do hino catarinense e hino nacional.

O imediato de bordo, que já estava preparado para isso, fêz disparar diversas vêzes o pequeno canhão do paquete, chamado "cachorro" e destinado a sinal de socorro em caso de naufrágio na costa, correspondendo às salvas e boas-vindas dos garbosos atiradores blumenauenses.

Em seguida todos desembarcaram com o comandante Várzea à frente, no meio do imenso e febril movimento de júbilo em que se agitava à plenitude a formosa Blumenau.

E enquanto Altenburg e os demais de Gaspar seguiam com suas famílias, os numerosos amigos que os tinham ido receber, o comandante com os seus officiais — em cuja companhia eu me achava também — a convite do chefe da municipalidade, subiram para dois belos carros de passeio, a percorrer a cidade e seus arrabaldes.

Foi a primeira vez que visitei Blumenau e, se não conhecesse então perfeitamente Joinville, onde estivera já muitas vêzes e fizera até então "sejours" demoradas, a minha impressão teria sido verdadeiramente surpreendente, extraordinária. Ainda assim ela foi excelente e por isso eu a registro aqui com satisfação, como procedera em 1887, no "Mercantil" (primitivamente "Diário Mercantil") de São Paulo, nessa época o jornal mais literário e brilhante de todo o Brasil, dirigido pelo grande e admirável espírito de Eduardo Salamonde, jornal onde publiquei um longo trabalho intitulado "Um grande pensador", trabalho em que estudava, e estudo, a ínclica personalidade do dr.Gama Rosa, como filósofo, sociólogo, estadista e político.

Percorrida a cidade, o presidente da Sociedade dos Atiradores ofereceu um almôço ao comandante Várzea, na sede dessa associação, ao qual se seguiu um torneio de tiro ao alvo, a mil e poucos metros de distância com fuzis "Mauser" do exército alemão, no qual torneio aquêlê comandante que era um perfeito "shooter" manteve-se à linha dos militares germânicos então ali a passeio e que lhe deram um pequeno mimo, como lembrança.

Após essa e outras ligeiras recepções em clubes e casas importantes, os maiores de Blumenau instaram com o velho chefe marujo para que se passasse ali a noite, regressando ao Gaspar no dia seguinte.

E o comandante, encantado pela cidade como por tudo que o cercava, já se dispunha a isso, quando, pelas 3 horas da tarde, apareceu o

“prático” a dizer-lhe, apreensivamente, que, segundo observara, as águas do rio baixavam mais de um centímetro por hora.

O velho nauta ficou alarmado e súbitamente tomou o caminho de bordo, acompanhado sempre dos principais cavalheiros de Blumenau, a quem prometeu voltar, apenas passasse o Belchior e aí fundeasse o vapor, pois nesse instante a sua única preocupação era livrar o “S. Lourenço” de uma prisão, senão eterna, pelo menos de anos e anos no pôrto de Blumenau, pois o navio só poderia safar com uma nova enchente.

Efetivamente, ao chegarmos a bordo, verificou-se pelas margens do rio, que as águas tinham baixado quase dois metros.

Como o vapor estava apenas de fogos abafados, o comandante mandou de pronto “puxá-los” e, daí a instante, ferro a pique, punha máquinas adiante.

Mas como a correnteza era ainda de quase três milhas por hora, quando o paquete, para “virar”, meteu a proa à foz do Garcia, que atravessa a cidade, a mesma correnteza, engrossada consideravelmente pelas águas dêsse ribeirão, creando um remanso contra a margem direita, impeliu para aí o navio, que “mentiu” a virar.

Foi então uma rascada de mil demônios, em que as vozes de comando (transmitida pelo antigo porta-voz, pois não havia ainda o telégrafo das máquinas, eram repetidas freneticamente, num lufar de manobras:

— Adiante! Atrás! Carrega o leme a bombordo! Carrega todo... mais... mais! Larga a bujarrona para ajudar a virar! Caça! Caça a beijar...

E o “S. Lourenço”, nada! Parecia não querer deixar Blumenau.

Mas para êsse consumado mestre de mar que era o comandante, a arte náutica não tinha segredos, nem esgotavam jamais seus recursos.

E, alto, forte, de ossatura e músculos desmesurados, olhando um instante em tórno, com o rosto rapado, em brasa, muito queimado pelo sol, gritou estentóricamente:

— Imediato! Mande dar uma espia àquela árvore e, feita a volta ao tronco, mande virar o molinete, e alar! Alar a fio, e de vez!...

A manobra realizou-se como fôra ordenada. O paquete “fêz cabeça”, virou de pronto e suavemente como um pássaro. E voou, rio abaixo, agora a 12 milhas de marcha pela fôrça da corrente.

A população de Blumenau, que assistira do cais a manobra, aplaudiu o safamento do vapor com uma salva de palmas.

Em resposta, o pavilhão nacional à popa do “S. Lourenço” subia e descia na haste, em saudação de despedida.

Em minutos alcançamos o Belchior onde dois carros nos esperavam para a volta a Blumenau

Mas o comandante não estava mais por isso, escarmentado com a “entaladela” do Garcia, e tocou-se para o Gaspar.

Altémburg e seus companheiros, com as respectivas famílias, regressaram aos lares por terra, pela madrugada.

E o extraordinário caso da ida do “S. Lourenço” a Blumenau foi celebrado com grande admiração não só pelas fôlhas locais, como pelas

da capital catarinense e as do Rio e São Paulo, sendo também noticiado com entusiasmo pelos jornais de Berlin e principais cidades da Alemanha.

- 1) Filho de Francisco Dias Velho Monteiro, primeiro povoador e civilizador da Ilha de Santa Catarina e que para ela se transferiu, indo de São Vicente, em 1851. Este grande paulista foi o fundador do povoado do Destêrro, depois capital da antiga província e hoje do Estado, sob o nome de Florianópolis. Ele morreu heróicamente defendendo os seus domínios num combate contra piratas flamengos. (Nota do autor).
- 2) Pai de Virgílio Várzea. (Nota da Redação).



GARRINCHAS DE 50 ANOS ATRÁS

Publicamos, em nosso número anterior, sob o mesmo título destas linhas, a carta que, a respeito da fotografia do primeiro time de futebol de Blumenau, impressa à página 85, do número 5, do 5.º tomo, recebemos do Senhor Sebastião Cruz.

Este conhecido desportista e criterioso homem de imprensa estranha várias das afirmativas feitas por nós na legenda com que fizemos acompanhar a publicação da citada foto.

Pela consideração que nos merece o missivista que, além de mais destacados predicados intelectuais e morais que possui, é um estudioso das coisas da história catarinense e, mesmo para que não parem dúvidas no espírito dos nossos leitores sobre os fatos que a fotografia e os esclarecimentos de que a fizemos acompanhar, registram, procedemos às necessárias buscas no arquivo histórico do município e podemos, assim, voltar ao assunto absolutamente seguros dos pontos que vamos esclarecer.

Em primeiro lugar, desejamos agradecer ao sr. Sebastião Cruz o seu interesse pelos “Cadernos” e os honrosos conceitos com que nos distinguiu.

“Blumenau em Cadernos” não tem a pretensão de ser infalível nas suas afirmativas ligadas a fatos do passado. Quer, isso sim, é ser uma tribuna em que esses fatos possam ser discutidos e esclarecidos.

Muitas vezes, como no caso em tela, somos forçados a recorrer a informações de pessoas que foram parte, por si, ou por parentes próximos, dos acontecimentos tratados. Alguma vez, a memória dessas pessoas, geralmente idosas, as trai nas suas afirmativas. E quando se trata de assunto que não altera, em nada, a estrutura da história geral da nossa comuna, as mais das vezes, contentamo-nos com a tradição sem chegar a aferir-lhe a realidade nos documentos da época, quando existam.

Para qualquer retificação, ou esclarecimento, sempre deixamos abertas as páginas desta publicação, confiados no interesse que todos os nossos leitores sempre teem demonstrado em que o passado, que trazemos ao conhecimento e à consideração do presente, não se afaste da realidade, seja isento de qualquer distorsão.

Na legenda do clichê dos “Garrinchas de 50 anos atrás”, foi o que nos aconteceu, relativamente à data do encontro futebolístico entre blumenauenses e marinheiros de um vaso de guerra alemão. Baseamo-nos nas informações



Reproduzimos do número 5, do Tomo V, o clichê que ensejou a carta do sr. Sebastião Cruz, a que se refere este artigo.

O time blumenauense era composto desses nove jogadores e de outros dois que figuram no clichê seguinte. Assim, o time não era composto apenas de nove elementos, como dissemos, mas dos 11 regulamentares.

Desses nove "craques" vivem ainda, apenas, os srs. Bruno Hindlmeyer e Franz Blohm, o segundo e o quarto, a contar da esquerda, dos que estão de pé.



Aí está a fotografia do Clube visitante, composto de marinheiros do cruzador alemão "Von de Tann" que aportou a Itajaí em 25 de março de 1911 e cuja oficialidade e mais de 500 marujos visitaram Blumenau naquê e nos dois dias seguintes, indo até Hansa-Hammonia. Esse time, entre o qual estão dois do quadro blumenauense que não figuram no clichê acima, disputou uma movimentada partida com os de Blumenau no domingo, 26 de março à tarde, no "pasto do Holetz". Entre os do quadro blumenauense vê-se nesta fotografia também o sr. Bluno Hindlmeyer, um dos sobreviventes da equipe.

de um sobrevivente do time de Blumenau. Infelizmente, elas não foram muito precisas.

Entretanto, o engano não foi tão grande quanto julga o sr. Sebastião Cruz.

O jôgo não se deu "por volta de 1920", como nos informa o **craque** sobrevivente e nem em 1905, como quer o nosso missivista, baseado em dados colhidos no "Livro do Centenário de Blumenau, no artigo "Sociedades e Associações de Blumenau".

Em 1905 (21 a 23 de novembro) estiveram em Blumenau a oficialidade e marujos da canhoneira alemã "Panther", comandada pelo Conde Saurma-Ieltsch. Com a estadia desse barco de guerra, em Itajaí, deu-se grave incidente diplomático a que, num dos próximos números desta publicação, faremos referências.

Nessa ocasião, não houve nenhum jôgo de futebol entre blumenauenses e os marinheiros visitantes. Não nos consta, aliás, que já então houvesse clubes ou simples times de futebol organizados nesta cidade.

Não sabemos onde o autor de "Sociedades e Associações em Blumenau" foi buscar os informes que o sr. Sebastião Cruz endossou.

Sem querer trazer uma palavra definitiva sôbre o assunto que não estudamos com a necessária profundidade, podemos adiantar que o time que publicamos o clichê sob o título destas linhas, pertenceu ao primeiro clube de futebol de Blumenau, fundado, como parte da Sociedade de Ginástica, (Turnverein) por volta de 1910 e o jôgo, entre êle e o de marinheiros alemães deu-se, precisamente, à tarde do domingo, 26 de março de 1911, no campo situado aos fundos do Hotel Holetz (que era onde os ginastas também faziam os seus exercícios e exibições), conhecido por **pasto do Holetz** e onde hoje se encontra o Hotel Alameda.

O time adversário foi o compôsto de 10 marinheiros do cruzador "Von der Tann", que aportara a Itajaí a 25 do mesmo mês e ali permanecera até 27 às 18 horas, quando levantou ferros, rumo ao sul. Um dos integrantes do time visitante, tivera que ficar a bordo, em serviço.

O sr. Cruz tem razão quando contesta a nossa informação, baseada no próprio clichê publicado (e que hoje aqui reproduzimos) de que, então, o número exigido de jogadores era de nove. Sendo completamente **crus** em matéria de futebol, e vendo a fotografia de 9 jogadores, tão bem fardados e alinhados, julgamos que o time devia ser composto sômente daqueles nove. Perdoem-nos a *gaffe*.

Sômente mais tarde, viemos a saber que os outros jogadores, os que faltavam na fotografia, andavam de camaradagem com os componentes do time adversário.

Realmente, no segundo clichê que ilustra estas linhas, lá estão os dois **craques**, que não figuraram no primeiro, entre os componentes do time de marinheiros do "Von der Tann".

Devemos acrescentar, ainda, a êstes esclarecimentos, que a partida, numa bonita tarde de sol, foi muito movimentada, sendo grande o número de torcedores que a assistiram, e que os blumenauenses foram derrotados.



A primeira farmácia estabelecida em Blumenau, foi a de Francisco Kiener, em 1854. Êsse imigrante chegara nesta colônia a 28 de dezembro do ano anterior e, ao mesmo tempo que cuidava da pequena farmácia que fundara, trabalhava na lavoura, pois, era diminuto o número de habitantes a que êle podia prestar serviços como farmacêutico.

FÓSFOROS “DOMINÓ”

No artigo, que vai publicado nesta edição, relacionado com a chegada do cruzador alemão “Von der Tann” a Itajaí, em março de 1911 e a visita da respectiva oficialidade e tripulação a Blumenau, foi feita referência à fábrica de fósforos de Frederico Guilherme Busch.

A propósito acorreram-nos alguns fatos que veem a pêlo transmitir aos nossos leitores.

A fábrica de fósforos de F.G. Busch ficava na rua 15 de novembro, onde hoje está instalado um dos departamentos da Casa do Americano (n.º 473). Fôra instalada por volta de 1906 e ocupava cêrca de 15 operários. Sua produção era de 1.800 a 2.000 caixotes mensais, cada um com 120 pacotes de 10 caixinhas de fósforos.

No comêço da fabricação, os palitos eram de pinho de Riga, importados da Rússia e que chegavam em grandes caixões.

Homem de iniciativa, preocupado sempre com o progresso do município, Busch não se conformava que um país coberto de matas, como o nosso, com essências florestais das mais preciosas e variadas, precisasse ir buscar na Europa miseráveis palitos de fósforos.

Assim, escolheu umas nove ou dez amostras de qualidades de madeira que lhe pareceram adatar-se melhor ao empêgo nessa indústria e enviou-as à Alemanha a fim de que ali fôssem feitas as experiências necessárias e escolhida a que melhor se prestasse ao escopo em mira.

A nossa abundante e despresada imbauba foi a escolhida pelos técnicos alemães que a julgaram de inflamabilidade muito superior à do pinho, embora tivesse o defeito de ser mais quebradiça.

Os fósforos produzidos pela fábrica Busch denominavam-se “Catarinenses”, “Dominó” e “10.000”.

Os rótulos das caixinhas de fósforos “Catarinenses” eram de papel amarelado, trazendo os seguintes dizeres: no canto superior esquerdo: “Industria brasileira”. Entre duas linhas paralelas, que iam

do canto inferior esquerdo ao superior direito e dividiam o rótulo em dois triângulos, lia-se: “Phosphoros Catharinenses”. No triângulo superior, no centro de uma estrêla de cinco pontas, a data de 1865, com os dizeres “Marca Registrada”. (O ano de 1865 era o do nascimento do proprietário da indústria). No triângulo inferior: “Fábrica em Blumenau — F.G. Busch”. Fora do corpo do rótulo, na parte de baixo, a identificação da impressôra: “B. Scheidemantel — Blumenau”.

Os fósforos “Dominó”, tiveram dois rótulos. O primeiro em papel branco, trazendo ao centro, em tinta azul-escuro os pontos característicos do jôgo. No segundo, êsses pontos eram pretos e cercados de vermelho. O jôgo compunha-se de 28 rótulos com número de pontos diferentes e correspondentes às pedras do dominó.

O rótulo do “Meia-lua”, era sugestivo. Um fósforo, armado em guerreiro, de lança em punho, atira de cheio sôbre a cara da lua, o jato de luz brilhante de uma lanterna portátil, alusão ao poder iluminativo dos fósforos, capazes, com a sua luz, de deslumbrar a própria inspiradora dos poetas e dos namorados.

Os fósforos “10.000” vinham em caixas bem menores e os seus rótulos multicoloridos eram bem expressivos, com dois índios sentados ao lado do globo terrestre e segurando as astes de uma faixa de listas vermelhas e brancas, onde estava gravada a marca “10.000”.

Mas, vejamos algumas curiosidades a respeito dos fósforos “Dominó”, que eram os mais vendidos e procurados.

Como homem de negócios, ativo e inteligente, Frederico Guilherme Busch estava sempre a inventar expedientes para propagar e melhorar os produtos da sua fábrica. Assim, em cada pacote de 10 maços de fósforos, era colocado o seguinte aviso, ao canto superior do qual se via um velho jogador de dominó, pensativo com a mão à

testa, tendo as pedras do jôgo à sua frente: "A pessoa que apresentar um DOUBLE ao fabricante ou aos vendedores destes phosphoros, receberá como prêmio um pacote dos mesmos phosphoros. — A pessoa que colecionar o jogo de dominó completo até o DOUBLE 6 e apresenta-lo, as 28 caixinhas que deverão compor o referido jogo, ao fabricante ou aos vendedores destes phosphoros, receberá como premio, uma lata contendo 120 pacotes de phosphoros. Os DOUBLES estão dentro das caixinhas".

Como era natural os doubles (pedra do dominó que possui os mesmos números de pontos em cada metade) distribuíam-se com grande parcimônia. O prêmio era vultoso demais (120 pacotes ou 1.440 caixinhas) para soltá-lo com liberalidade. Por isso, o estoque desses rótulos era guardado a sete chaves.

Assim, era muito difícil conseguir-se reunir o jogo completo, representado nas 28 caixinhas.

Mas como, neste mundo, Deus dá inteligência a uns para conceberem planos, dá-a, também a outros para frustrá-los.

Aconteceu, certa vez, que o representante dos fósforos, em Joinville, ao prestar conta das suas transações com a fábrica, mandou quatro doubles 5-5 que lhe tinham sido apresentados e a cujos portadores ele havia entregue o prêmio anunciado (caixotes de 120 pacotes).

F. G. Busch ficou com a pulga atrás da orelha. E começou a matutar coisas e a alimentar suspeitas.

Seria gente da própria fábrica, mancomunada com compradores de fora, que estava soltando os preciosos doubles?

Como bom cavalheiro que era, entretanto, não reclamou e creditou o agente de Joinville pelos prêmios pagos.

Sucedeu que, na prestação de contas do mês seguinte, o mesmo agente remete outros cinco doubles 5-5 que teriam sido encontrados nas caixas de fósforos e cujos prêmios ele pagara.

Agora a coisa tornara-se demais. Afinal, o que estaria acontecendo?

Busch sentara-se à mesa do seu escritório, que ficava nos fundos



RÓTULOS DOS FÓSFOROS DA FÁBRICA DE F. G. BUSCH

da fábrica, tendo à sua frente os benditos doubles que ele virava e revirava a procura de qualquer vestígio que esclarecesse o mistério. Mas nada! Eram bem os rótulos impressos na litografia de Bernardo Scheidemann, não havia dúvida quanto à sua autenticidade.

A sua imaginação passou a fazer todo genero de ginástica, desde os saltos mortais aos equilíbrios numa perna só, mas nada de positivo lhe acudia que trouxesse a ansiada solução.

Estava, assim, mergulhado em cogitações quando bateu meio dia e a fábrica apitou. Busch deixou os rótulos espalhados sobre a escrivaninha e foi almoçar, tendo o cuidado de fechar muito bem a porta do escritório.

Comeu pensando no caso e, como de costume, depois do almoço foi fazer a sua sesta. E, durante esta, veio um temporal. Chuva e vento que pareciam o diabo à solta. Busch acordou-se sobresaltado e lembrou-se de umas goiteiras que havia no telhado do escritório, cujo conserto fôra ficando de hoje para amanhã e de amanhã para depois. Sempre que chovia mais grosso, pingava em alguns cantos da sala e até mesmo no lugar da escrivaninha.

Vindo-lhe à mente os malfadados doubles, Busch chamou o filho e mandou que êle fôsse correndo e que puzesse os rótulos em lugar mais ao seguro da chuva. O rapaz não perdeu tempo. E ao chegar ao escritório, pôz as mãos na cabeça. Estava tudo encharcado. Pingara a valer do telhado. Os rótulos, então, estavam molhadinhos, molhadinhos...

O pequeno Busch começou a recolhê-los com cuidado e qual não foi o seu espanto, e alegria ao mesmo tempo, ao ver que o desastre solucionara o problema que trazia a cabeça do pai carregada de conjeturas e preocupações. É que a chuva, molhando os rótulos, descolara o ponto central de um dos cinco de cada um dos doubles em questão. Um maroto atrevido, ou mais de um, tivera o cuidado de recortar, com extraordinária maestria, um pontinho de um rótulo qualquer e colá-lo no meio de um 5-4, transformando-o, assim, num doble premiado.

Busch deu boas risadas da esperteza do malandro, mas comunicou o fato ao agente de Joinville, recomendando-lhe que, antes de pagar outro prêmio, desse um banho demorado (de água quente era preferível) em cada doble 5-5 que aparecesse. Não apareceu mais nenhum.

E para os que gostam de satiri-

zar as coisas, há ainda mais esta:

Os fósforos fabricados por F. G. Busch eram de boa qualidade. As caixinhas também eram bem feitas e bem mais cheias que as de hoje quando as máquinas já aprenderam a roubar, automaticamente, alguns palitos de fósforos de cada caixa para o patrão. Então elas, as caixinhas, eram enchidas à mão e o operário não tinha interesse algum em lograr o consumidor (que poderia ser êle próprio ou algum dos seus) em meia dúzia de fósforos. Pelo contrário. Para fazer desafôro ao patrão, sempre que podia botava fósforos demais na caixinha.

Mas, como íamos dizendo, os fósforos Busch e as respectivas caixinhas eram da melhor qualidade.

Mas não faltavam naquele tempo, como não faltam hoje e nem faltarão amanhã, os que gostavam de criticar as coisas, de achar defeitos em tudo. Diziam que a lixa das caixinhas era fraca, que se precisava riscar os fósforos cinquenta vêzes para que se inflamassem, etc. e tal.

E houve até um malandro que escreveu, na parede da fábrica, esta quadrinha que a tradição guardou:

Ó que saudades que tenho
Dos fósforos "Dominó"
Riscavam mal dos dois lados
E peor dum lado só!

BLUMENAU EM CADERNOS

FUNDAÇÃO E DIREÇÃO DE J. FERREIRA DA SILVA

ÓRGÃO DESTINADO AO ESTUDO E DIVULGAÇÃO
DA HISTÓRIA DE SANTA CATARINA

ASSINATURAS: POR TOMO (12 numeros) CR.\$ 300,00

REDAÇÃO E ADMINISTRAÇÃO:

BLUMENAU — STA. CATARINA — CAIXA POSTAL 425

VITORINO DE PAULA RAMOS

A figura de Vitorino de Paula Ramos, engenheiro e político de incontestáveis méritos, teve marcante atuação na vida de Blumenau nos últimos anos do século passado e nos primeiros deste.

Ao lado de Hercílio Luz, de Bonifácio Cunha, de Santos Lostada e de outros, Vitorino de Paula Ramos salientou-se, nos agitados dias que se sucederam à proclamação da República, pelo seu espírito combativo, pela sua coragem, pelo seu civismo e intransigente solidariedade com que se manteve, nas boas e nas más horas, ao lado de seus correligionários, em defesa dos ideais republicanos.

Paula Ramos nasceu em Recife, em 27 de agosto de 1960. Estudou aí humanidades. Coursou a Escola Politécnica do Rio de Janeiro, onde se laureou em engenharia em 1883.

Foi engenheiro-chefe das comissões de Terras e Colonização de Ponte Nova e Manhuaçu, em Minas Gerais. Veio para Blumenau, também como Chefe da Comissão de Terras e Colonização, em 1886.

Posteriormente, foi promovido a Delegado da Inspeção de Terras e Colonização, com sede na capital da Província, tendo sido substituído, em Blumenau, pelo dr. Hercílio Luz, ao qual o ligavam laços de sólida amizade.

Em 1891, foi eleito deputado à Constituinte de Santa Catarina, à qual serviu como 1.º secretário. Em 1894, foi eleito deputado ao Congresso Federal e reeleito na legislatura seguinte.

Em 1907, tendo sido nomeado Diretor Geral do Serviço de Propaganda e Expansão Econômica do Brasil no Estrangeiro, a 11 de outubro, resignou, a 19 do mesmo mês, o seu mandato de deputado.

Já em outubro do ano seguinte, pediu demissão daquele cargo, e, em 3 de janeiro de 1909 foi novamente eleito deputado federal. Membro da Comissão de Finanças da Câmara, foi relator dos Orçamentos da Receita Geral e das despesas dos ministérios da Fazenda, da Indústria e Viação e da Agricultura, tendo sido relator dos créditos.



Sócio honorário do Instituto Politécnico Brasileiro, benemérito da Associação Agrícola de Pernambuco, da Associação Brasileira de Agricultura de Paris, sócio correspondente da Associação Comercial do Rio de Janeiro, da Sociedade de Geografia do Rio de Janeiro e da Sociedade de Geografia Comercial de Paris.

Foi tenente-coronel honorário do Exército.

Durante a campanha civilista, esteve ao lado de Hercílio Luz, batendo-se pela vitória de Ruy Barbosa à presidência da República. Apesar de ter obtido expressiva votação, não conseguiu ver-se reeleito para a Câmara Federal.

Foi durante os anos da consolidação da República, dos calamitosos dias de 1893/94 que a atuação de Paula Ramos se fez sentir de um modo particular, com o apóio incondicional, moral e físico, que deu a Hercílio Luz, na sua luta contra os adversários de Floriano, luta inglória, é verdade, mas na qual muitos dos homens públicos de então puderam patentear todo o entusiasmo do seu patriotismo, tôda a grandeza do seu sacrifício em pról dos ideais de liberdade e de engrandecimento da pátria.

Unido aos homens que dirigiam a política republicana em Blumenau e que contavam com a quase unânimidade da população dêste Município, Paula Ramos foi, na tribuna da Câmara, como na da imprensa — pois foi um jornalista vibrante também — prestou relevantes serviços a Blumenau, circunscrição eleitoral em que baseava o seu prestígio político e que nunca lhe faltou nos momentos mais difíceis da sua carreira.

Merece, assim, que a sua memória seja cultuada e que o seu nome figure entre os dos grandes vultos do nosso passado.



Um requerimento do dr. Blumenau

Logo depois da vinda dos 17 imigrantes que foram os primeiros colonos de Blumenau, o fundador da Colônia, Dr. Hermann Blumenau, dando-se conta dos poucos meios pecuniários de que dispunha para enfrentar, com os próprios recursos, as responsabilidades de um empreendimento em grande escala, como queria que fôsse o seu, recorreu ao Governo Imperial e, já então, propôs que êste tomasse a si o estabelecimento iniciado às margens do "Velha" e do "Garcia".

Damos, na íntegra, o teor de dois requerimentos dirigidos por Blumenau ao Imperador. Conservamos a redação e a ortografia do seu autor que, como se verificará, já manejava suficientemente bem o vernáculo.

Que, vindo para o Brasil, era intuíto de Blumenau aqui se radicar, definitivamente, se vê das várias passagens em que êle cita a Alemanha como a sua "antiga pátria". Os requerimentos que se seguem são dois documentos preciosos para o estudo da história de Blumenau e que, felizmente, escaparam ao incêndio de 1958:

Senhor:

Diz o Dr. HERMANN BLUMENAU, natural do Ducado de Brunswick, na Alemanha, hoje proprietário de terras e de hum

estabelecimento rural e industrial nos Rios Itajahy Grande e Mirim d'esta provincia de Santa Catharina, que tendo vindo no mez de Junho do anno de 1846 ao Brazil com o intuito, de estudar as van-

tagens e obstaculos da colonisação no Imperio, recebendo para este fim as mais honrosas recommendações do Exmo. Visconde d'Abrantes, então ministro plenipotenciario de V.M.I. junto a S.M. o Rei da Prussia e do celebre Barão Alexandre de Humboldt, entregou no mez de Agosto do mesmo anno, depois de ter viajado por huma parte da provincia de São Pedro do Rio Grande do Sul, ao Exmo. Ministro do Imperio de então huma petição, dirigida à V.M.I. na qual como primeiro se offereceu, comprar ao estado terras devolutas e colonial-as conforme hum novo systema.

Passava-se desde então hum prazo de mais de quatro annos; o supplicante o empregava em trabalhos nunca interruptos e estudos zelosos relativos aos negocios da colonização e materias annexas, funcionando até ao meio do anno de 1848 como agente da companhia Hamburgueza protectora de emigrados allemães do anno de 1846, sendo accreditado como tal no mez de Agosto de 1847 p.^a com o Governo de V.M.I., viajando então nas provincias de Rio de Janeiro, Sta. Catharina e Rio Grande do Sul e negociando emfim com o Governo da Provincia de Sta. Catharina em favor e por ordem da dita companhia. Dissolvidas as mesmas e as relações do Suppte. com ella, cuidou em adquirir terras n'esta provincia e arranjar n'ella hum estabelecimento rural e industrial, esperando, poder obrar por taes arranjos e com as suas sós forças em favor da immigração allemã p.^a esta bella provincia, p.^a cujo fim, deixando o seu nascente estabelecimento, em cuja aptidão e honradez desgraçadamente se enganou, — voltava p.^a a Allemanha, no mez de Setembro de 1848.

Viajando por mais de dezasseis mezes por grande parte da antiga patria, entrando com zelo infatigavel em negociações e correspondencia com o Governo da Prussia, os Corypheos da opposição constitucional do Parlamento prussiano, com muitas outras pessoas de influencia na imprensa e sobre a opinião publica em negocios da emigração e colonisação e emfim com diversas companhais e sociedades deploravelmente os

tumultos politicos, as inimizades e a concurrencia de huma multidão de agentes de outros paizes, p.^a os quaes até agora se dirigio a emmigração allemã, cujos agentes estigmatizão e diffamão por todos os meios licitos e illicitos qualquer convite de colonos p.^a o Brazil como sendo "venda de almas", oppuzerão ao Suppte. toda a qualidade de obstaculos, de maneira, que cansado physica— e espiritualmente como era e unicamente restringido as suas fracas forças, não podia continuar n'huma tarefa tão ardua e ingrata, e se deo a resolver, deixando detraz de si o manuscrito de huma obrinha sobre o Brasil meridional e suas relações á colonisação e emigração allemã, de cuja obrinha hum exemplar está acompanhando a presente petição, não sem viva dor sobre o mau e infructuoso resultado de tantos trabalhos e fadigas sustentados por tão longo prazo com a maior dedicacão e o mais intimo amor da causa, voltar ao Brazil onde chegava ha cinco mezes e achou p.^a grande desgraça sua o seu estabelecimento quasi em ruinas e dilapidada grande parte do seu cabedal, engajado n'aquella empresa.

Tornando hoje o suppte. de vir perante o augusto throno de V. M. I. deve chamar inteiramente alteradas as conjuncturas relativas á colonisação e emigração em geral, e também as circumstancias do Brazil muito diversas d'aquella epoca de 1846. Não pedindo o suppte. então outra cousa, do que huma superficie de terras, sufficiente p.^a huma grande e systematica empresa colonial, por preço muito barato, este unico favor lhe parecia bastante, p.^a poder fomentar melhor a empresa, por meio de huma companhia, á qual aquella superficie garantia lucros sufficientes p.^a animal-a, tendo já á sua disposição os fundos necessarios p.^a o principio da mesma empresa. N'AQUELLA epoca apenas começou a colonisação do Texas, soffrendo logo grandes revezes na opinião publica pela miseria dos colonos da chamada "Companhia dos Nobres p.^a Texas"; a emigração allemã p.^a a Australia foi ainda de pouco importe, vacillante e irregular, do Chile apenas se fallava, a California ainda foi

quasi desconhecida e os Estados Unidos setentrionais como Canada ficavam sempre o grande ponto da reunião dos emigrados norte-europeus. — N'este momento tem o Brazil a nova lei das terras devolutas, a qual, não obstante ser huma das mais bemfazejas p.^a o Imperio, perdeu muito do seu valor originario pela suppressão da taxa sobre as terras particulares incultas, e não terá na opinião do suppte., proferida sem antecipar e com toda a deferência e modestia, mas também com a mais intima convicção, quasi nenhum effeito em atrahir maior parte da emigração europea, e particularmente da allemã, sem muitos accessorios e expedientes, minuciosos por parte á primeira vista, mas importantissimos, havendo a mesma lei de lutar na sua execução pratica com muitas difficuldades, levando ainda tempo mui precioso, retardando d'esta maneira sensivelmente os bons effeitos e impedindo, como parece, ao Governo Imperial, á concluir contractos com companhias colonisadoras, cujo fundamento sempre foi e ha de ser a aquisição de huma grande superficie de terras por preço nominal. N'este momento mais a emigração p.^a Australia e Texas tem ganhado fundamento forte e seguro e linhas regulares de paquetes transportão p.^a ahí os emigrados allemães do porto de Bremen; o Governo Chileno lançava mão d'expedientes bem calculados p.^a atrahir emigrados allemães e mandou ha dezoito mezes hum agente p.^a a Allemanha, o qual já expediu p.^a aquelle paiz mais de 800 colonos no soestio passado; já se falla na Inglaterra e Allemanha de companhias p.^a colonisar na Banda Oriental e em Entre Rios, logo estes paizes entrarem na paz e tranquillidade; e emfim e sobretudo a descoberta das riquezas da California com os seus effeitos sobre o valor das terras cultas e incultas nos Estados Unidos, o qual em consequencia da espantosa emigração pelo caminho da Serra dos Penhascos ja baixava por 25 e 30 por cento em muitas partes; a agitação agraria, p.^a garantir e entregar gratuitamente á cada cidadão emigrado 160 acres de terras, nos mesmos estados e emfim o tumulto e

o fanatismo politico na Europa já exercem, e hão de exercer de dia em dia ainda mais e de maneira verdadeiramente assustante, a sua influencia sobre a direcção da emigração allemã, ameaçando todos os outros paizes de inteiro e perfeito esquecimento na parte dos emigrados. Todas estas circunstancias se fora d'ellas a ultima grande emigração de malcontentes e refugiados politicos das classes afazendadas e bem criadas, os quaes por parte tinhão e ainda tem grande influencia na opinião publica da Allemanha e attrahem atraz de si outros parentes e amigos de credo politico igual; a incansavel e incessante actividade da democracia, a qual espera resolver hum dia de novo a Europa e especialmente a Allemanha, com auxilio dos republicanos americanos e procura p.^a reforçar-se, dirigir todos os emigrados p.^a os Estados; os interesses mercanteis e pecuniarios crescidos de parte á parte, o numero multiplicado e a incrível diligencia dos agentes subalternos ou alistadores dos corretores de navios e armadores, em Hamburgo, Bremen, Antuerpia e Håvre obram em favor dos Estados Unidos e oppõem outros tantos obstaculos á força attrativa de outros paizes e especialmente do Brazil, onde não só precisa edificar quasi tudo de novo e do fundamento, que tem relação á colonisação, mas ainda lutar contra toda a qualidade de prejuizos e prevenções, cujas ultimas tambem na Allemanha forão exploradas com tanta destreza que perfidia pelos inimigos do Brazil.

Apresentando-se agora o Suppte. pela segunda vez perante o Governo de V.M.I. com a presente petição e proposta de colonisação, não teme, de ser tido por aventureiro, especulador ou vão projectista; pode-se gabar de huma reputação pura e honesta, que não he manchada pela minima macula tanto no Brazil como na sua antiga patria, donde lhe seguio confiando simplesmente nas suas palavras, hum pequeno numero de colonos, emquanto a companhia hamburgueza da Colonia de D. Francisca não podia engajar nem hum só dos mesmos; pode contar p.^a sua empreza com o apoio do Ministro do Interior da Prussia,

von Manteuffel, e de outras pessoas distintas e influentes, dos quaes possui despachos e cartas particulares que está prompto a apresentar, p.^a provar o dito; a sua obrinha ganhava da critica allemã imparcial o elogio de ser instructiva e ser escrita com conhecimento da causa e consciencia, elogio, que na sua ultima parte he do mais alto valor p.^a o Suppte., conduzindo-lhe colonos, caso de poder elle oferecer-lhes bastantes vantagens e grangeando-lhe a confiança dos mesmos, relativa ao fiel cumprimento das promessas feitas, cujo não-cumprimento em tempos passados ainda hoje serve de ponto de ataque aos inimigos e invejadores do Brazil; — relações amigaveis com muitas pessoas de todas as classes da sociedade em muitas partes da Allemanha setentrional e central como huma grande parentella espalhada pelas mesmas regiões lhe facilitão o engajamento dos colonos e lhe garantem a escolha conscienciosa de boa e honesta gente; e emfim huma longa pratica de fabricante, residencia e familiaridade no campo e com a gente, que costumam emigrar-se, como as suas experiencias no Brazil lhe ensinão a arte difficil e penosa, de tratar com os emigrados, viver com elles e grangear a sua confiança e affeição.

Submettendo agora o Suppte. à sabedoria e ao juizo esclarecido do Governo de V.M.I. a memoria junta, na qual tentava tratar da colonisação no Brazil em geral e em especial da colonia agricola e industrial, que pretende estabelecer nas suas terras, caso grangear elle a confiança e os soccorros indispensaveis p.^a o bom successo de tal empresa do Governo de V.M.I., deve pronunciar que nella depositou a sua mais intima convicção filha de longos estudos e observações e de huma experiencia pratica mais que quatriennial, e que os expedientes indicados lhe parecem nas presentes conjuncturas os unicamente applicaveis, p.^a formar colonias effectiva — e verdadeiramente bemfazejas p.^a o paiz e poder aproveitall-as duravelmente e p.^a sempre com nucleos, aos quaes huma immigração espontanea, o grande fim desejado de tantos esforços do estado, se pode

agglomerar e logo depois se deve espalhar sobre todo o paiz. Deve ao mesmo tempo mais pronunciar, que os expedientes indicados, **porém approvados rigorosamente e em tôda a sua extensão**, lhe parecem bastantes, p.^a attrahirem sem maiores ou por muito tempo continuados sacrificios da parte do estado, huma immigração allemã espontanea, pouco a pouco crescendo e emfim consideravel, mesmo depois de acabarem os favores extraordinarios á conceder no principio aos colonos, e que, caso o Suppte. ganhar a confiança do Governo Imperial p.^a a applicação dos mencionados expedientes, se crê na posição, de poder garantir como homem de bem e de honra o bom successo da sua empresa, a qual, quando acontecimentos muito improvaveis e sinistros arruinarem a mesma, ha de sacrificar fortuna e vida suas.

A importância das despesas p.^a tal empresa, contemplada por si só, pode parecer avultada a hum imperito n'estes negocios; não escapará porém à sabedoria do Governo de V.M.I., examinando attentativamente o calculo das despesas anexo à memoria junta, que todas são contadas com a maior parcimonia e precisa muita circumspecção, p.^a poder acabar com a quantia indicada a obra em questão. Huma diminuição n'esta quantia não embarçaria seguramente hum bom principio da mesma, caso não concorresse todas as conjuncturas, p.^a favorecerem o desenvolvimento espontaneo da empresa.

As terras que o Suppte. pode offerrecer p.^a a colonia pretendida, pela menor parte compradas a particulares e pela maior concedidas pelo Governo d'esta Provincia em conformidade das leis provinciaes, abrangem huma superficie de perto dez legoas quadradas, as quaes hão de bastar p.^a o estabelecimento de ao menos quinhentas familias. São situadas nas margens dos rios navegaveis Itajahy Grande e Mirim, das mais fertes, e constão de grandes varzeas enxutas com morros de syenito e pedra d'arêa d'antiga formação, pela maior parte pouco escarpados e lavraveis até ao cume; não ha quasi pantanos dentro das mesmas, e os poucos, que tem aos

pes de alguns morros, podem-se desaguadar com facilidade aos ribeirões visinhos. O estado sanitario n'aquellas regiões pode-se pois chamar hum dos melhores, não tendo tido nas bandas dos mencionados rios hum só ataque da febre amarella nem da dyssenteria cruenta, que reinavão ha pouco em outras partes da provincia. — A posição e outras circunstancias das terras destinadas à pretendida colonia, se podem pois chamar das mais felizes e favoraveis, e sendo esta provincia huma d'aquellas do Imperio, cujo solo fertil precisa de huma população mais numerosa e industrial do que he a actual, p.^a melhor desenvolver as suas riquezas e recursos, tambem por isso o

Suppte. está se lisonjeando, que as suas propostas ganharem alguma consideração da parte do Governo de V.M.I.

Nestas circunstancias o Suppte.

P. á V.M.I. Haja por bem admittil-o, a contractar com o respectivo Ministro sobre a fundação de huma colonia agricola e industrial nas terras do Suppte., conforme as vistas enunciadas na memoria junta.

E. R. M.

Itajahy, em 10.^o de Dezembro
de 1850

(ass.) Dr. Hermann Blumenau.

★

RELEMBRANDO O PASSADO

ESCOLA

AGRÍCOLA



A rapaziada da “Escola Agrícola Municipal José Ferreira da Silva” prepara-se para seguir para a cidade, a fim de se incorporar a uma parada cívico-escolar, tendo à sua frente o padre Diretor, professôres e auxiliares.

Bem fardados, bem alimentados e bem tratados, êsses meninos provinham das classes mais pobres do município e, sob os cuidados das revmas. Irmãs Franciscanas, orientavam-se para enfrentarem a vida com alguma instrução, educação tão esmerada quanto possível e, sobretudo, com um ofício que lhes garantisse a subsistência futura.

Infelizmente, durou poucos anos. Razões que jamais poderão justificar a lamentável medida, concluíram pelo fechamento de tão útil estabelecimento em que muitos meninos (que, sem êle, teriam se encaminhado para a estrada da malandragem e do crime), tornaram-se elementos capazes de prestar serviços a si mesmos, à sociedade e à pátria.

O "RICHARD PAUL"

Na manhã do dia 26 de junho de 1910, um domingo, Blumenau recebeu em seu pôrto, com foguetes e vivas, o navio "Richard Paul", que a firma Richard Paul, desta praça, encomendara na Alemanha e que vinha todo garboso e embandeirado.

Era um naviozinho elegante, um transatlântico em miniatura, com 28 metros de comprimento, por 4,65 de largura, duas hélices e 95 centímetros de calado. Destinava-se ao transporte de cargas e passageiros, especialmente destes, entre Blumenau, Itajaí e mesmo Florianópolis e até o Rio de Janeiro, se preciso.

Grande número de curiosos e convidados aguardavam a chegada do barco e, quando êste surgiu, na manhã clara, na curva do rio, espoucaram os foguetes e os rojões.

Grande número de pessoas gradas e curiosos subiram a bordo para uma visita ao navio, onde o sr. Lorenz, representante da firma, lhes ofereceu uma taça de champanhe.

E estabeleceu-se logo a luta entre a Companhia proprietária do novo navio e a Companhia Fluvial, que era proprietária dos dois vapores, o "Progresso" e o "Blumenau". Esta última teve que rebaixar os preços das suas passagens entre Blumenau e Itajaí, porque o "Richard Paul" iria fazer êsse trajeto por 6 cruzeiros o bilhete de primeira classe e 5 o de segunda. A Companhia Fluvial estabeleceu, então, para êsse trajeto nos seus barcos, o preço de 5 pelo bilhete de primeira classe e 3 pelo de segunda. E estabeleceu, também, passagens de ida e volta de Blumenau a Itajaí, com validade de 10 dias. Ida e volta a Itajaí custava 8 cruzeiros na primeira classe e 5 na segunda.

Coisas da concorrência que, entretanto, não durou muito, para tristeza dos pobres. A gente de dinheiro sempre chega a um acôrdo.

* * ★ * *

O município de Presidente Getúlio

Até a data da criação do município, o território compreendido pelo mesmo, fazia parte do município de Ibirama. Sua sede situa-se próxima à confluência dos rios Índios e Krauel, afluentes do Itajaí do Norte, ou Rio Hercílio.

Aos terrenos nas imediações dessa confluência, chegou, a 1.º de junho de 1904 um grupo de imigrantes na sua maioria suíços. Nesse mesmo dia, foi derrubada a primeira árvore no local em que se estabeleceria a povoação, sede da colônia e que recebeu o nome de Nova Zuri-que, em homenagem à Capital do Cantão de onde procedia a maior parte dos colonos.

Distribuidos os lotes, fôram construídos os primeiros ranchos e feitas as plantações. Êsses primeiros colonos foram os de nomes Grage, W. Goebel, Leitis, Alexandrowitsch, Krumm, Eberhard, Stephan, Guths, os irmãos Wenzel, Stunitz, Knoebel e Kipfer.

Eram, quase todos, colonos de algumas posses, de sorte que isso lhes facilitou os trabalhos de instalação e adaptação à nova vida com o engajamento de agregados que já estavam acostumados aos trabalhos da roça.

Como geralmente acontecia nos agrupamentos que se iam formando com elementos estrangeiros, por todo o Vale do Itajaí, também os colonos de Nova Zurique, mal instalados em seus ranchos primitivos e bem faltos de comodidades, trataram de organizar a vida comunal, fundando, antes de mais nada, uma escola, o que concretizaram em reunião que realizaram a 1.º de setembro do mesmo ano de sua chegada. Foi seu primeiro professor o colono Grage, que também servia de pastor da pequena comunidade, de crença batista. Os bancos eram de palmito. Começou a funcionar com 15 alunos.

A região começaram a afluir novos colonos que, pelo seu trabalho e dedicação à terra, iam concorrendo, de maneira notável, para o desenvolvimento de toda a área e, principalmente, do nascente povoado. Nem poderia ser de outra forma, dados a fertilidade da terra e o esforço comum.

O dia em que foi derrubada a primeira árvore, 1.º de junho de 1904, ficou definitivamente assentado como o da fundação da povoação, hoje cidade.

A região de Índios e Krauel sofreu as contrariedades e os percalços por que tiveram que passar outras zonas de colonização e, entre esses, não foram os menos ponderáveis os vários assaltos que os indígenas levaram a efeito contra os colonos, roubando e matando alguns.

Nos exemplos dos colonos de outras regiões já então prósperas, Nova Zurique encontrou as providências, o estímulo e a coragem para vencer todos os contratemplos e as adversidades, naturais nesses empreendimentos. Mas isso depois de altos e baixos, de momentos de entusiasmo e de horas de desânimo e desalento.

Os ataques de índios, as febres intermitentes, endêmicas na região, por pouco fizeram fracassar, nos anos seguintes, todo o trabalho dos pioneiros. Em 1909, havia um único morador naquelas paragens. Tratava-se do colono Wilhelm Goebel que, sem meios de acompanhar os demais para lugares mais saudáveis e menos ameaçados do bugre, teve que permanecer por ali, no seu rancho, ardendo em febre e temeroso do gentio.

A Sociedade Colonizadora Hanseática insistia no povoamento da zona. Mas, cada novo colono que ali se estabelecia, era outro colono que dali fugia.

Depois de 1909, começaram a vir novos colonos, especialmente da zona de Brusque, gente já mais afeita aos rigores da colonização. E, com novas derrubadas, com mais gente a povoar os arredores, também o território foi-se libertando das febres e os bugres afastando-se cada vez mais. Pôde, assim, já em 1910 e 1911, a produção da colônia atingir a índices bem expressivos, sinal de que a persistência, o esforço das novas levas de colonos iam vencendo os impecílios opostos à civilização de uma das glebas mais ricas e prósperas do Vale do Itajaí.

Com a vinda dos novos colonos, o sr. W. Goebel pensou em montar

uma casa de negócio, uma venda, como se diz. E o fêz, embora tivesse que vender muito a crédito, dadas as poucas posses dos moradores. Endividou-se. E para poder pagar os seus credores, os seus fornecedores, resolveu vender os seus lotes em pequenas parcelas, ou lotes urbanos. Outro tanto fêz seu vizinho, o colono Rickmann, que havia adquirido o lote que anteriormente havia ocupado o colono Krage.

Da ocupação desses pequenos lotes surgiu a povoação que é hoje sede do município. O primeiro que adquiriu um dos lotes urbanos foi um sapateiro que, ao lado de sua loja, instalou também um salão de barbeiro.

A 10 de maio de 1914 foi inaugurada a nova escola particular, em prédio próprio. Discursando na ocasião da solenidade da inauguração, o Diretor da Companhia Hanseática, sr. Morsch, mudou o nome da localidade para Nova Breslau, numa homenagem à cidade natal do sr. Goebel, o colono que, estóicamente, valorosamente, resistiu a todos os contratempores para se manter, firme, no local que seus companheiros haviam abandonado.

Com o aldeamento, em 1914, dos índios no Rio Plate, dirigido por Eduardo Hoerahn, os bugres mantiveram-se afastados das vizinhanças dos colonos, de sorte que estes puderam trabalhar sem medo, livres da ameaça que constantemente lhes pesava sobre a cabeça. Isso foi uma das causas do vertiginoso progresso com que, então, começou a prosperar toda a região dos Índios-Krauel.

Em 1928, foi criada em Nova Breslau a agência postal.

Pelo decreto estadual n.º 498, de 17 de fevereiro de 1934, o Distrito de Hansa-Hamonia, em cujo território se incluía Nova Breslau, foi desmembrado do município de Blumenau, para constituir-se em município autônomo, sob a denominação de Dalbérgia e com sede em Nova Breslau que passou a ter aquela denominação. A até então sede do distrito, de Hammonia, passou a constituir sede do distrito do mesmo nome.

Foi seu primeiro prefeito, o sr. Leopoldo Monich, nomeado pelo sr. Interventor Federal, Aristiliano Ramos.

Pelo decreto n.º 1, de 7 de maio de 1935, o Município de Dalbérgia voltou a denominar-se Hammonia e a sua sede retornou à vila desse

Nova Breslau, ipso fato, retornou à categoria de sede de distrito até o seu desmembramento de Hammonia para constituir-se município autônomo, sob a denominação, que já anteriormente lhe fora dada, de Presidente Getúlio.

Oportunamente, voltaremos a tratar desse município, que é um dos mais futurosos da Bacia do Rio Hercílio, com dados mais pormenorizados no que se refere à sua administração, à sua produção, as suas riquezas e possibilidades.

○ atual prédio onde está instalado o correio de Blumenau, foi inaugurado a 31 de dezembro de 1927, passando a funcionarem nele tanto os serviços postais como os telegráficos. Foi a primeira estação postal-telegráfica do Estado, pois, naquela época, ainda não se concretizava a união das duas repartições.

Emprêsa Industrial Garcia S. A.

BLUMENAU — Estado de Santa Catarina

Escritório e Fábrica: Rua Amazonas, 4906/Garcia

Enderêço Telegráfico : "Garcia"

Caixa Postal N.º 22

Fiação e Tecelagem de Algodão

FIOS DE ALGODÃO DE SUPERIOR QUALIDADE

TOALHAS FELPUDAS DE ROSTO E DE BANHO

TOALHAS DE MESA — PANOS DE COPA — LEN-

ÇOS — ROUPÕES, ETC. — ATOALHADOS CRE-

TONES E OUTROS TECIDOS

HOTEL REX

BLUMENAU

Santa Catarina



100 apartamentos dotados
de todo o conforto